

**MARIETTE E VINGANÇA DE MÃE: PAIXÕES PERIGOSAS NA COLUNA
FOLHETIM DE O LIBERAL DO PARÁ**

Márcia Pinheiro (UFPA/AT/CNPq)
Orientadora: Profa. Dra. Germana Sales (UFPA/CNPq)

RESUMO: A sistemática expansão da imprensa periódica na segunda metade do século XIX contribuiu para as publicações em prosa ficcional nos jornais do Brasil. Em relação a capital do Pará já é sabido de todos que existia uma vasta publicação de ficção nos jornais. Diante disso, cabe apresentar à contemporaneidade as formas plurais da representação das personagens femininas que tematizaram as narrativas ficcionais presentes nas colunas dos jornais, seu universo de valores e a diversidade de suas ações, ainda em meio aos discursos hierárquicos de gênero e classe social da época. Nesse sentido este trabalho objetiva analisar as personagens femininas que protagonizam os textos *Vingança de Mãe* e *Mariette*¹, ambos publicados na coluna Folhetim de *O Liberal do Pará* e para tanto mapear as diferentes formas que as personagens são descritas e o desfecho de cada uma ao final da narrativa. A fundamentação teórica será pautada nas pesquisas de Germana Sales, Marlyse Meyer e Yasmin Nadaf, que estudam a temática folhetinesca.

PALAVRAS-CHAVE: Século XIX. Personagens femininas. Discursos hierárquicos.

Introdução

Desde suas primeiras publicações, as prosas ficcionais ou publicações de romances em fatias no rodapé do jornal, provocavam no leitor uma nova postura perante a vida, o que fez com o comportamento deste fosse pautado pelas histórias lidas e, conseqüentemente, idealizadas ou repudiadas pela imaginação. Diante disso, este trabalho visa abordar as práticas de leitura a partir da análise de narrativas publicadas na coluna *Folhetim* do jornal *O Liberal do Pará*², mais precisamente na segunda metade do século XIX. Em certo momento recuando-se aos meados do século XIX, momento do surgimento na França de um espaço na geografia do jornal chamado *Folhetim*,

¹ As narrativas analisadas compõe uma tabela catalogada por Edimara Ferreira no setor de microfilmagem da biblioteca Arthur Vianna no ano de 2007, naquela etapa o trabalho restringia-se a uma catalogação do jornal para verificar as produções literárias, bem como, contos, novelas, romances-folhetins entre outros gêneros conceituados de acordo com a editoração do jornal na época.

² Esse periódico circulava de terça-feira a domingo, circulou no período de 1869 – 1890 na capital paraense. *O Liberal do Pará* caracterizou-se como periódico político, comercial, noticioso e literário.

analisaremos ainda representação das personagens femininas que tematizaram as narrativas ficcionais *Mariette e Vingança de Mãe* presentes nas colunas do periódico mencionado.

Por meio dos jornais *La Presse* e *Le Siècle*, lançou-se um *boom* lítero-jornalístico sem precedentes: “joga-se ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo” (MEYER, 1996, p. 59). Essas narrativas seriadas, que interessavam comercialmente aos jornais como atração de primeira página, de suspense em suspense, com seus cortes e redundâncias típicos, instigavam a leitura seguinte e garantiam o consumo dos periódicos. Assim, a fórmula “continua amanhã” entrou no hábito dos leitores, ampliando o campo semântico da “famigerada” palavra folhetim.

Na França, a consolidação do jornal como veículo de comunicação ganha expressividade ao lado da ideia de Emile Girardim em publicar romances em fatias em um local do periódico conhecido como *rés-do-chão*, assim o objetivo do jornalista francês em expandir comercialmente o jornal, obteve sucesso de público, e com isso o folhetim nasce sob o signo da mercantilização da cultura, uma vez que sua história se confunde com a história da consolidação da imprensa. Além de sua característica complementar, a importância principal dos folhetins sempre esteve associada à necessidade de ampliar a venda dos jornais.

Na capital paraense as transformações em relação à formação da imprensa e o progresso oriundo dos acontecimentos que envolviam o restante da Nação, aconteceram com a mesma expressividade, fato que justifica a escolha pelo estudo apresentado neste texto, pois na Belém oitocentista acontecia um momento de ostentação de riquezas e modificações sociais e culturais, tal efervescência, era proporcionada pelos excedentes dos ciclos da borracha, os quais ocasionaram uma complexidade na paisagem urbana da época.

Em relação à pesquisa no *O Liberal do Pará*, observamos presença de publicações de prosa ficcional na coluna *Folhetim*, que representavam a figura feminina³, em razão disso, objetivamos analisar as personagens femininas que

³ Destacamos alguns títulos que versavam acerca da temática da figura feminina: Os três adjetivos do casamento (1871); Catharina II (Imperatriz da Rússia) (1871); A mulher e a Litteratura (1871); A

protagonizavam os textos *Vingança de Mãe* e *Mariette*, e para tanto mapear as diferentes formas que as personagens são descritas e o desfecho de cada uma ao final da narrativa. A fundamentação teórica será pautada nas pesquisas de Germana Sales, Marlyse Meyer e Yasmin Nadaf, que estudam a temática folhetinesca. Buscaremos aporte teórico também, no trabalho da historiadora Mary Del Priore. O *corpus* que substancia este trabalho é resultado das pesquisas do projeto de pesquisa: “Memórias em periódicos a criação de um acervo literário”, financiado pelo CNPq e coordenado pela profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Práticas de Leitura na Belém oitocentista

Na virada do século XIX para o XX, período conhecido como *Belle Époque*, a imprensa brasileira modernizava-se com a publicação de romances-folhetins nas primeiras páginas dos principais jornais. Nossa imprensa, recente nessa época, tinha muitas semelhanças com o modelo jornalístico francês. Observa-se em ambos uma relação muito estreita entre literatura e imprensa com o aparecimento da categoria “escritor-jornalista”. No Brasil, a imprensa era palco de discussões políticas que incidiam nas produções literárias nos jornais, revelando uma função de crítica social.

Le feuilleton designava um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé, geralmente o da primeira página. Era um espaço vazio destinado ao entretenimento, onde se praticava diferentes modalidades escritas: piadas, histórias de crimes e de monstros, charadas, receitas de cozinha ou de beleza e crítica de peças teatrais e de livros recém-saídos (MEYER, 1996, p. 96). A seção *Variétés*, que de início dá título à novidade, foi deslocada com seus conteúdos variados para rodapés internos, enquanto a ficção diária ganhou as primeiras páginas dos jornais.

É oportuno mencionar que a análise dessa produção ficcional comprova a difusão homogênea de um mundo conservador, exposta por meio de determinados romances temáticos divulgadores de um selecionado grupo de valores morais, sociais, religiosos e políticos. Desse modo, o primeiro questionamento volta-se para o teor

gramática do namoro (1872); A Fada D’auteil (1872); O país do matrimônio (1874) entre outras narrativas.

moralizante das narrativas, até mesmo em relação ao ideal de família e matrimônio divulgados pela Igreja Católica.

A segunda pontuação que norteia este trabalho é pautada nas intenções de autores e editores que tinham um interesse financeiro nas vendas dos jornais, haja vista o público leitor ter interesse em narrativas que trouxessem temáticas com desfechos trágicos.

A partir da leitura da prosa de ficção publicada na coluna *Folhetim do O Liberal do Pará*, observamos que é possível que os editores escolhessem publicações que demonstrassem temáticas relacionadas ao público feminino, e de acordo com as considerações de Germana Sales:

As publicações em rodapé nos jornais belenenses se apresentam em via contrária às divulgações cariocas. Iniciados, basicamente, a partir de 1850, duas décadas após o andamento da circulação do gênero no Rio de Janeiro, os jornais paraenses mantêm a imitação à matriz francesa, publicam versões portuguesas e divulgam poucos textos nacionais entre 1850 e 1880. (SALES, 2013, p. 89).

O Liberal do Pará divulgava a prosa ficcional em sua maioria traduzida, mas o que importava era o conteúdo de tais narrativas e certamente o lucro que o dono do jornal teria, uma vez que o público feminino era consumidor das colunas que apresentava prosa de ficção. A prática de leitura, de certa forma, teve uma via de mão dupla, pois à medida que favoreceu a divulgação da literatura e, certamente contribuiu, para a formação de um público leitor; contribuía também para a difusão necessária dos jornais que necessitavam de leitores para a propagação dos anúncios, como observa Marisa Lajolo, (LAJOLO, 2004, p. 30) “a aritmética é simples: mais leitores = mais anunciantes; mais anunciantes = mais dinheiro”.

Mariette: A temática do amor como inimigo.

A narrativa *Mariette* é ambientada na cidade de Paris. (*O LIBERAL DO PARÁ*, 1870, p. 1) “É a rua de Seine umas das mais estreitas do *quartier latin*, bairro dos estudantes, em Paris.” Começa com a descrição do interesse de uma jovem moradora da cidade de Paris chamada Maria. No decorrer da história a personagem se envolve amorosamente com um jovem brasileiro chamado Carlos, também residente da cidade de Paris. O jovem visita Maria todas as noites, e assim o narrador em terceira pessoa descreve a paixão intensa entre o casal. Mas chega o momento que o rapaz precisa

voltar ao Brasil, mas promete que voltará à Paris. A promessa não será cumprida. E a jovem Maria se torna uma dançarina de cabaré, e sua vida é descrita a partir de então como triste e infeliz.

A primeira demonstração do narrador que o final do casal não será feliz é demonstrada no seguinte fragmento:

E numa dessas casas cujo numero é fatídico -13- que passa-se a cena inicial desta mui verídica história, desta maneira trocando um positivo por um superlativo, conservo-me dentro dos limites da verdade, o que sempre deve fazer todo o escritor que respeita o venerando público, como o acata o humilde autor desta historieta. (*O LIBERAL DO PARÁ*, 1870, p. 1)

O contrato com o leitor era uma prática constante nas narrativas que circularam no século XIX, uma vez que era forma de envolver o leitor e demonstrar que a veracidade dos fatos era importante para que o narrador sustente a atenção de quem lia a o texto. Outro fator relevante envolver o público seria a temática abordada, e em *Mariette* o amor como mote da história, também envolve o leitor:

O amor manifesta-se sob três formas distintas e invariáveis, que são a brutal, a humana e a séria...ou parva. A primeira personifica-se no sanguineo e abrutado ricaço que compra uma mulher como um traste de aparato ou como um preservativo contra as congestões cerebrais. A segunda forma de amor identifica-se no homem de esmerada educação, maneiras delicadas e falar sedutor, para quem as mulheres são flores de inebriante perfume, adorno necessário do jardim da vida: colhe uma dentre as mais bela, aspira-lhe o delicado aroma e depois enjoado desta arremessa-a no vendaval da existência já murcha e a fernecer, para passar as outras que anelantes inclinam para ele a branca e pura corola, e assim até...até ser um homem de consideração, respeitado por todos em geral e pelas mães de família em particular. O terceiro gênero compreende os poetas, os pensadores de cabeça e coração ardentes, que dando largas a alma vivem nos mundos do além e vêem na mulher um manancial perene de consolação e crenças...Coitados! Não despertemo-nos do suavíssimo sonho de suas ilusões; deixemo-los se quisermos, como o pretendemos escrever uma obra – séria e útil para a mocidade. (*O LIBERAL DO PARÁ*, 1875, p. 1).

Inferimos que as mulheres eram consideradas o centro das preocupações, pois era necessário instruí-las para que os filhos também fossem instruídos e, assim, pudesse ser formada a "família ideal". Para que isso acontecesse era necessária a divulgação de

valores morais, portanto, algumas dessas considerações acerca da função dos textos publicados era conduzida pela crítica, pois estes, condenavam as obras que cometiam deslizes em relação às regras moralizantes.

A maior parte das publicações privilegiavam os valores e comportamentos da sociedade patriarcal, assim merece destaque a representação ideológica da mulher no que envolve a imprensa católica, que até mesmo publica folhetins com ensinamentos religiosos para contrabalançar a influência nefasta dos folhetins considerados imorais, pois era necessário acompanhar de perto as necessidades da sociedade em franca expansão no que as tradições e valores cristãos. Ainda em relação a temática do amor como inimigo pode-se ler:

Se pobrezinha tivesse dentro da alma menos amor e mais experiência das coisas deste mundo, de certo pensaria como nós; mas ela amava e estava na perigosíssima idade de todas as ilusões e crenças. E, embora já sabedora dos acidentes desta existência, a mulher que ama sinceramente (*rara avis*), desde o primeiro olhar, desde o primeiro aperto de mão já não se pertence: da-se toda inteira sem hesitar, sem calcular: esta abnegação sublime. Esta confiança ilimitada tem-na levado muitas vezes ao abismo, porque em casos tais, só depende da honradez ou infâmia de quem ela ama, perdê-la ou salvá-la. (*O LIBERAL DO PARÁ*, 1870, p. 1)

A citação descreve a influência negativa que o amor e a moralidade aparece como um critério de valor em relação a formação da figura da mulher, bem como o indicativo de que a mulher deveria seguir uma série de normas. O grande papel reservado a mulher seria o de mãe ou de filha, a mulher na verdade, seria a responsável pela família, assim o amor era visto como maior perigo.

O desfecho da personagem Maria demonstra de certa maneira como as mulheres poderiam ser punidas se desobedecem à ordem que regiam as relações de poder vigentes no século XIX, no Brasil, assim como em Belém.

Entrou no café uma dessas mulheres que os parisienses denominaram *cocottes*; assentou-se a mesa e pediu absinto. Ao som da voz da recém-chegada, o jornalista levantou a cabeça, que inclinará para acender o charuto:

—É ela murmurou ele apertando o braço do autor.

Impelido por irresistível curiosidade, voltou-se este para o lado onde estava a *cocotte*, e não pôde deixar de exclamar.

—Ela?! Maria?

A mulher ergue-se irritada e disse dirigindo-se ao autor:

–O Sr, é um tolo; eu não chamo-me Maria; meu nome é *Mariette Peau de Satin*.

Bebeu o absinto que servirá lhe o criado a saiu atirando atrás de si uma estridula gargalhada.

As cordas de sua voz corroídas pelas bebidas alcoólicas tinham uns sons rouquinhos que causavam ao mesmo tempo asco e compaixão. (*O LIBERAL DO PARÁ*, 1870, p. 1).

O fragmento supracitado apresenta as terríveis implicações que uma mulher desonrada poderia sofrer, até mesmo porque uma vez dominadas pelas paixões as mulheres cometeriam os atos mais impensados, nessa conjuntura era interessante que fossem divulgados textos moralizantes, mesmo que com exemplos negativos de virtude.

Vingança de Mãe: Paixão, esta inimiga

Qual era a postura das mulheres em relação à sociedade do seu tempo, uma vez que a sociedade do século XIX era marcada pelo patriarcalismo, enquanto a mulher só era requisitada no que diz respeito à procriação e as conveniências sociais, pois o casamento também era um acordo de interesses econômicos. Observaremos as analogias entre as personagens, assim visualizaremos a maneira que situações que envolvam a conduta correta se manifestavam nas atitudes dos personagens, especialmente as personagens femininas.

Não o acreditar seria uma traição! Perde-lo seria a morte! Kate deu-lhe tudo...

Frederico recebeu a notícia de que seu tio estava gravemente doente a partiu para Inglaterra, prometendo voltar.

O tio obrigou-o a jurar que desposaria uma mulher da sua classe e renunciaria à mão de Kate. (*O LIBERAL DO PARÁ*, 1875,p. 1)

Quando acometida por uma paixão, uma mulher sofreria dos piores males, umas vez que esse sentimento sempre é relacionado ao que é impuro. A paixão seria capaz de enganar as jovens mais puras e corretas. Dessa forma é confirmado o motivo para evitar a todo custo as paixões. A família devia evitar a todo custo que as jovens estivessem sozinhas com seus pretendentes, mas em relação a personagem Kate não foi o que aconteceu, e ainda cabe mencionar que a posição social da personagem era modestíssima, logo era diferente da condição do jovem oficial.

A família soube que ele amava uma rapariga de posição. Informou-se e adquiriu a certeza de que o pai de Kate era um forçado fugido das galés.

Apesar disso Frederico não podia separar-se da donzela.

Mistress O' Hara não impediu que o mancebo viesse todas as vezes que queria, e Kate andasse com ele pelas penedias.

O padre Martry advertia muitas vezes Mistress O' Hara da sua imprudência.

– Que queres que eu faça? Perguntava ela. Não foste tu mesmo que me convenceste de que ele era um homem honrado?

Este trecho apresenta uma das preocupações das famílias do século XIX, o que seria feito do futuro e da educação de suas filhas. A mulher era vista como um dos personagens fundamentais, pois na maioria das vezes, é representada exatamente dentro dos moldes de uma nova ordem social advinda da ascensão da burguesia. Já em relação ao casamento entre as famílias burguesas era usado como motivo de ascensão social, ou até mesmo uma forma de manutenção do poder financeiro. Assim não era permitido casamentos fossem feitos entre pessoas de origens financeiras diferentes.

O amor, o ideal de amor era o conjugal, monogamia e pureza ajudavam a sustentar a finalidade última do amor, o casamento. Geralmente, o casamento se dava por razões de família, dinheiro, segurança monetária ou ascensão social, uma vez que a representação da figura feminina era modelada pelas relações sociais de poder e pelas práticas discursivas, as quais, entrelaçadas, constroem para as mulheres, suas funções na sociedade.

Mariette e Vingança de mãe: ideal de amor domesticado?

Cases com teu igual: casem-se primeiros as condições sociais. Se essa era a norma, qual era a prática? Mary Del Piore apresenta uma síntese interessante (DEL PRIORE, 2012,p. 22) “Na chegada ao Novo Mundo, os portugueses trazem sua forma de vivenciar o amor. As tradições portuguesas – e europeias, em geral – aportam no Brasil, no entanto, apresentaram peculiaridades.”

Na visão da igreja católica, não era por amor que os conjugêes deviam se unir, mas sim por dever; para pagar o débito conjugal, prociar e, finalmente lutar contra a tentação do adultério, pois entendia-se com com isso que o amor dito conjugal extinguiu

todas as paixões malignas. Resaltamos ainda o sentimento de dever e disciplina reproduzia a perspectiva patriarcal em relação às mulheres, assim como seus sentimentos dentro ou fora do matrimônio.

As publicações de inúmeras narrativas que tematizavam a figura feminina não era uma manobra inocente, pois duas hipóteses podem responder a tal intenção. A primeira seria a intenção de vender o jornal uma vez que o público leitor feminino era ávido por desfechos que apresentassem “desgraça”. Outra hipótese era o controle da Igreja católica em relação ao comportamento feminino, assim a leitura seria como uma espécie ensino moral.

A mulher seria, portanto, provedora e recebedora de um amor que senão a ordem familiar, pois a indissolubilidade do casamento, estabelecida pela Igreja Católica, era usada como principal argumento no que envolve uma escolha cuidadosa. Mary Del Priore discorre sobre as questões do casamento que reforçam as postulações mencionadas neste trabalho. “Nada de amor-paixão ou de outro sentimento parecido.”

Considerações Finais

Nas análises empreendidas neste texto, buscamos salientar alguns aspectos relacionados a produção literária, as transformações históricas e culturais de um povo e de um espaço social. Em relação ao Brasil, a literatura torna-se mais popular, com a estabilização da imprensa, que se desenvolve propiciando a divulgação dos romances publicados em capítulos nos jornais da época, os “romances folhetinescos” que difundem a literatura e atingem cada vez mais pessoas, principalmente mulheres e o público jovem, em razão disso a imprensa e circulação de ficção em fatias, contribuíram para que a população letrada existente no país, nesse período, tivesse maior acesso aos textos que eram produzidos por escritores locais e estrangeiros.

A análise dos processos desenvolvidos pelo aparato moralizador, contra os textos que supostamente eram imorais, constitui uma forma de verificar como as ideias apresentadas nas narrativas eram apreendidas e transformadas. As narrativas analisadas apresentam a confluência entre o comportamento dos personagens e relação com as concepções da sociedade da época. Além disso, demonstram alguns procedimentos acerca do novo da narrativa, e que levariam o leitor a identificar-se com determinados

valores e padrões considerados exemplos de conduta e moral, desse modo o processo modernizador parecia ser concomitante com o interesse à adoção da boa conduta.

REFERÊNCIAS

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 3ed. São Paulo: Contexto. 2012.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma História**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SALES, Germana. O romance-folhetim por entre terras brasileiras. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria. (Orgs). **A tradição Literária brasileira: entre a periferia e o centro**. Chapecó: Argos, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.